

# O mundo não é apenas factos no Doclisboa

O festival de cinema documental apresenta hoje a sua 14.<sup>a</sup> edição, com duas dezenas de filmes portugueses e uma programação reorganizada. Com a ambição de se manter aberto à aventura. Começa a 20 de Outubro



**Oleg y las Raras Artes, do espanhol Andrés Duque, é o filme de abertura do festival**



**Edvard Munch é um dos títulos da retrospectiva de Peter Watkins**

## Cinema Jorge Mourinha

“Andámos sempre a fazer uma espécie de surf entre fronteiras que nunca quisemos categorizar nem definir,” entusiasma-se Cíntia Gil enquanto folheia as provas do programa do Doclisboa 2016, hoje apresentado em conferência de imprensa na Culturgest. “E agora acredito que finalmente chegámos a um momento em que a programação do Doclisboa assume que a imaginação e o real são partes intrínsecas um do outro. Fazemos uma defesa da imaginação no cinema do real – e isto não significa uma pro-

Área: 676cm<sup>2</sup>/ 72%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5510015

cura da originalidade nem de formas extraordinárias apenas porque sim. Significa, apenas, reconhecer que o mundo não é apenas factos.”

Há, no entanto, factos a comunicar: a programação do 14.º Festival de Cinema Documental de Lisboa, decorre de 20 a 30 de Outubro na Culturgest, cinema S. Jorge, Cinemateca Portuguesa e Fundação Calouste Gulbenkian. Sempre nas palavras de Cíntia Gil, directora do festival desde 2012, o Doclisboa continua a defender “a diversidade no documentário” – exemplificada na retrospectiva *Por Um Cinema Impossível, Documentário e Vanguarda em Cuba*, em coprodução com o Museu Rainha Sofia de Madrid, como Davide Oberto, programador regular e co-director da edição 2016, explica: “Parece ser uma retrospectiva abertamente política, mas depois olhamos para os filmes e verificamos que está ali tudo misturado, documentário, ficção. Há uma explosão de géneros.” Essa “explosão” é essencial à própria identidade do Doc: “Não queremos ficar fechados em mundos fixos, queremos estar abertos a tudo.”

Não se podiam imaginar filmes mais abertos do que as escolhas para as sessões de arranque e fecho. E para o constatar basta pensar que, a abrir, dia 20, está *Oleg y las Raras Artes*, do espanhol Andrés Duque, sobre o pianista russo Oleg Karaychuk. A directora explica: “Queríamos uma abertura que ‘abrisse’, que nos deixasse cheios de vontade de ver coisas. E no encerramento queríamos provocar, em vez de fechar queríamos fazer perguntas e voltar a abrir.” Daí o encerramento com *Nos Interstícios da Realidade*, de João Monteiro, director do MotelX, sobre o cineasta António de Macedo, autor de *A Promessa*, *Os Olhos de Maria* e *Os Abismos da Meia-Noite*. Ainda Cíntia Gil: “É falar da gestão de uma certa memória do cinema português que se faz permanentemente, mas também propor uma outra maneira de olhar para ele.”

Essa memória do cinema prolon-

ga-se no olhar sobre José Álvaro de Morais, autor de *O Bobo*, que José Nascimento propõe na sua nova longa *Silêncios do Olhar*; e na recuperação de um documentário “perdido” realizado em 1981 para a RTP por Nascimento e Augusto M. Seabra sobre Manoel de Oliveira. Ambos os filmes integram a secção Riscos, o “laboratório de programação” que Seabra animou desde 2007 – a escolha de *Manoel de Oliveira: 50 Anos de Carreira* é também uma homenagem ao programador e crítico do PÚBLICO, que cessou a sua colaboração com o Doc em 2015.

Pelos Riscos vai igualmente passar um miniciclo intitulado *Filmes de Correspondência: Missivas, Distâncias e Deslocações*, que “faz a ponte” com um outro título português: *Correspondências*, de Rita Azevedo Gomes, que teve estreia mundial em Locarno e está integrado na competição principal do Doc. Cíntia Gil fala de coincidências e contaminações: “A ideia deste ciclo já existia quando apareceu o filme da Rita, mas tem também que ver com o que a Luciana Fina faz este ano.” Fina é a convidada da secção *multimedia Passagens* e a instalação que estará patente na Gulbenkian até Janeiro, *Terceiro Andar*, está ligada ao seu filme que vai ter estreia no festival – sublinhando, mais uma vez, o modo como o programa vai abrindo “vasos comunicantes” entre os filmes. A directora evoca *Night and Fog in Zona*, do coreano Jung Sung-il, sobre o cinema de Wang Bing, cujo *Ta'ang* será exibido no festival; Davide Oberto fala da video-artista holandesa Manon de Beur, que completa o seu mais recente filme, *An Experiment in Leisure*, com um programa escolhido “à medida” do Doc, que inclui *The Role of a Lifetime*, de Deimantas Narkevicius, sobre o britânico Peter Watkins.

### Vinte portugueses

Watkins é o alvo da outra retrospectiva do Doc 2016, uma integral que vai do filme sobre a Terceira Guerra Mundial que realizou para a BBC

em 1966, *The War Game* (Óscar de melhor documentário) às produções que realizou fora de Inglaterra, reconstituindo a vida do pintor norueguês Edvard Munch ou a Comuna de Paris. Cíntia Gil descreve-o como “alguém que tem um olhar interventivo sobre a relação com a história e a imagem, mas de uma maneira muito original, experimentando uma série de coisas que agora nos parecem novidades”.

Quanto à presença portuguesa – duas dezenas de filmes entre curtas e longas, tanto a concurso como nas secções paralelas – a directora do Doclisboa fala de uma oferta muito rica, em que se sente que “os realizadores estão a viajar”. É o caso de dois títulos que já vêm com recompensas internacionais, *Ama-san*, de Cláudia Varejão (premiado em Karlovy Vary), ou *How I Fell in Love with Eva Ras*, de André Gil Mata (premiado no FID-Marseille), mas também de estreias mundiais como *Pedra e Cal*, de Catarina Alves Costa.

Este último marca a presença portuguesa na nova secção *Da Terra à Lua*, onde pontuam nomes grandes como Avi Mograbi, Serguei Loznitsa, Werner Herzog, Wang Bing, Rithy Panh, Pere Portabella ou Mark Cousins, autores que “já não vão para a competição” (Wang Bing já venceu o Doc por três vezes). A secção integra-se numa reorganização da programação que, contando com menos salas do que no ano anterior, implica a criação de dois “eixos” geográficos (S. Jorge-Cinemateca, e Culturgest-Gulbenkian); a abertura das sessões escolares, até aqui restritas a grupos escolares, ao público geral; e a redefinição da secção *Heartbeat* como uma “celebração das artes”, menos focada na música e abrindo para o cinema ou as artes performativas.

Há mais a descobrir no programa do Doc, disponível a partir de hoje no *site* oficial. Com a certeza, como diz Cíntia Gil, de que se trata de “um festival aberto, que questiona, que propõe outra maneira de olhar”.